

Operação "Formosa 2021"

Marinha realiza maior adestramento da Força no Planalto Central



ENTREVISTA

Comando da
Força de Submarinos

pg. 04

ESPECIAL

Marinha no pódio

pg. 12

ARTIGO

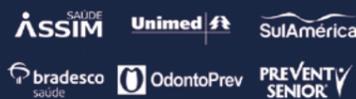
Um derramamento de óleo e os desafios para a proteção da Amazônia Azul

Por: Fernanda Pirillo
pg. 38

Conheça os seguros do Abrigo do Marinheiro

PLANOS DE SAÚDE

Aqui você pode contar com os melhores **Planos de Saúde** com **condições e valores diferenciados**.



SEGUROS

Antes de adquirir **seguros de automóvel, residência, vida, funeral ou acidentes pessoais**, procure a gente e confira as vantagens de pertencer à **Família Naval**.

Uma porcentagem do valor investido retorna para a **Família Naval** por meio de **benefícios**.



Accesse o nosso site e acompanhe as nossas redes sociais:
www.abrigo.org.br
@ abrigodomarinheiro f AMNnaREDE



A edição de nº 946 da Revista Nomar destaca na capa a Operação “Formosa 2021”, que, neste ano, envolveu, pela primeira vez, as três Forças Armadas, com o emprego de mais de 2,5 mil militares, e simulou uma operação anfíbia. Foram utilizados 150 diferentes meios, entre aeronaves, carros de combate, veículos blindados e anfíbios, equipamentos de artilharia e lançadores de mísseis e foguetes.

Ainda no campo das operações, o Navio-Patrolha “Pampeiro” atuou nas águas do Pará na Operação “Samaúma”, para prevenir e reprimir crimes ambientais. E a tríplice fronteira da Região Amazônica reuniu a Marinha do Brasil, a Marinha de Guerra do Peru e a Armada da República da Colômbia na Operação “BraColPer 2021”.

Em entrevista, o Contra-Almirante Thadeu Marcos Orosco Coelho Lobo, à frente do Comando da Força de Submarinos, explicou os benefícios da transferência do Comando para o Complexo Naval de Itaguaí (RJ). Ele avaliou as mudanças da Força e esclareceu as diferenças entre submarinos convencionais e de propulsão nuclear.

A editoria “Especial” mostra como nossos atletas militares chegaram ao pódio das Olimpíadas de Tóquio, com o Programa Olímpico da Marinha. Os medalhistas compartilharam a alegria da vitória, mesmo com os treinamentos limitados impostos pela pandemia da Covid-19. Outro destaque é a Cerimônia em Memória aos Mortos da Marinha em Guerra, uma justa homenagem aos heróis que pereceram em defesa da Pátria.

Também nesta edição pode ser conferida reportagem sobre a retomada da construção naval no Arsenal de Marinha no Rio de Janeiro, por meio da qual será possível àquela Organização Militar (OM) voltar a ocupar o lugar de único estaleiro militar do Brasil com capacidade de construir navios acima de 2 mil toneladas.

Em artigo de sua autoria, a Coordenadora-Geral de Emergências Ambientais do Ibama, Fernanda Pirillo, analisa o inédito crime ambiental de derramamento de óleo ocorrido no litoral brasileiro, em 2019, cujas ações para reduzir os impactos ambientais foram coordenadas por meio de esforços conjuntos entre diversos órgãos. Por sua vez, o artigo da série “200 anos da Independência do Brasil” explica que a ocupação holandesa da região, que hoje é o Nordeste brasileiro, está relacionada ao processo de independência das Províncias Unidas dos Países Baixos, no quadro da Guerra dos Oitenta Anos e da União Ibérica.

Fechando a Revista, a editoria “Acontece na Marinha” registra a Visita de Avaliação e Assessoramento da ONU ao Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais, que pode elevar o nível da OM para Operações de Paz. E, ainda, o esforço de diversos órgãos públicos e da Marinha no combate à pesca ilegal na Amazônia Azul, além de um resumo das principais realizações da Força entre os meses de julho e agosto. O “Diário de Bordo” conta a história do Suboficial Luiz Oliveira, submarinista que contabiliza 21 mil horas de imersão, o equivalente a dois anos e meio embaixo d’água.

Boa leitura!

Centro de Comunicação Social da Marinha

Endereço: Esplanada dos Ministérios - Bl. N, anexo A, 3º andar
Brasília - DF - CEP 70.055-900

Tel.: (0xx61) 3429-1831

Diretor do CCSM: C Alte João Alberto de Araujo Lampert

Chefe do Departamento de Produção e Divulgação: CF Luis Carlos Alves Junior

Subchefe do Departamento de Produção e Divulgação: CC Antonio de Barcellos Neto

Editora-Chefe: CT (T) Ellen Franciana Vieira Silva

Jornalistas Responsáveis: CT (RM2-T) Ana Carolina Freitas de Oliveira - Reg. MTb 10428/DF e 1º Ten (RM2-T) Luciana Santos de Almeida - Reg. MTb 02901/PA

Colaboradores: 1º Ten (RM2-T) Osmária da Cunha e 1º Ten (T) Paulo Yan Carlôto de Souza

Diagramação e Arte Final: MN-RM2 Gustavo Henrique Silva de Moura

Tiragem: 3 mil exemplares

MB na Internet: www.marinha.mil.br

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert
Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha

Comando da Força de Submarinos: transformações, peculiaridades e desafios

Contra-Almirante Thadeu Marcos Orosco Coelho Lobo



Ouçá o podcast com o Almirante Lobo



O Contra-Almirante Thadeu Marcos Orosco Coelho Lobo está à frente do Comando da Força de Submarinos desde dezembro de 2019. Ele concedeu entrevista à Revista Nomar durante rotina na nova base do Comando, no Complexo Naval de Itaguaí (RJ). Ele destacou os benefícios dessa mudança, além da importância do PROSUB nesse contexto. Também avaliou as transformações da Força ao longo dos anos, esclareceu dúvidas sobre as diferenças entre os tipos de mergulhadores; entre os submarinos convencionais e de propulsão nuclear, e explicou a aplicação da medicina hiperbárica e da psicologia de submarinos.

Quais foram as principais transformações pelas quais a Força precisou passar para se adaptar à realidade do século XXI?

A tecnologia foi o principal *driver* de mudança, com consequências na manutenção e na operação dos submarinos. Com implicações claras no material, a demanda por modernizações acelerou, com nítidos reflexos no custo de posse dos submarinos. Nesse sentido, tivemos que identificar a parcela da tecnologia que era realmente indispensável, estabelecendo prioridades muito bem definidas. Notamos que a obsolescência veio carregada de “inflação de defesa”, dificultando ainda mais a manutenção dos padrões operacionais.

A tecnologia atingiu fortemente o pessoal, já que vem ganhando participação mais marcante na cultura da sociedade. O tripulante de hoje é diferente daquele da virada do século. Ele tem qualidades diferentes, dialoga melhor com os sistemas digitais, o que demandou evolução na formação e no treinamento. Não se ensina mais como um sistema opera – isso o marujo rapidamente identifica –. Busca-se ensinar como o sistema se comportará nas diversas situações. Ele também tem demandas diferentes e é mais maduro e, de certa forma, mais isolado em seu próprio mundo. O processo de qualificação da equipe também passou por transformação, porque é mais difícil trabalhar em um time quando as pessoas tendem a interagir menos.

Hoje, a Força de Submarinos pensa muito no que teremos que fazer para o futuro, para não sermos atropelados pelas mudanças. Receberemos o primeiro Submarino do PROSUB, o “Riachuelo”, no final do ano. Ele será um motivador de mudança, é claro. Devemos identificar, rapidamente, as necessidades de evolução da doutrina, para explorarmos todo o potencial da arma. Isso será fundamental para a correta internalização da tecnologia na formação e no treinamento.

Em suma, estamos num ciclo acelerado de mudança, em direção ao submarino convencional com propulsão nuclear. A questão não é mais o que tivemos que fazer, mas o que teremos que fazer.

E quais foram os desafios enfrentados pelos nossos submarinos ao longo desse tempo?

Mantê-los operando, contando quase que na totalidade com a Base Industrial de Defesa, foi, sem dúvida, o maior desafio material. Tivemos pontos positivos e negativos. O saldo foi positivo, já que cumprimos os ciclos de atividade de todos os submarinos. A Classe “Tupi” opera no Brasil desde 1989, formando gerações de submarinistas. O maior desafio operacional foi colocar essa classe operando em seu lugar, no nosso contexto estratégico. Aprendemos com os erros e evoluímos nossa doutrina, em mais um ciclo. Ao final, estamos prontos para um novo salto operacional.

Ocultos debaixo d’água, os submarinos têm grande poder dissuasório, fundamental para a garantia da soberania sobre determinado território. De que forma a Força de Submarinos atua na defesa da Amazônia Azul?

O submarino, por operar oculto, embaixo d’água, consegue estar presente sem ser detectado. Essa característica lhe confere a iniciativa das ações. É, assim, arma naturalmente ofensiva. Uma força naval oponente deverá, em face da possibilidade da presença de um submarino, fazer uma criteriosa análise de risco, que poderá inibir sua iniciativa. Estamos falando, então, de dissuasão.

A Força de Submarinos atua mantendo sua credibilidade operacional, que é o pilar do efeito dissuasório. Sua prontidão operativa é a mola mestra da credibilidade.

O Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB) está avançando. Qual a importância estratégica para o País de contar com submarinos convencionais e de propulsão nuclear? E quais as diferenças entre eles?

O submarino convencional com propulsão nuclear potencializa o efeito dissuasório – ele poderá estar virtualmente presente em todo o Atlântico Sul –, levando o Brasil a um outro patamar nas relações internacionais. Além disso, o *spill over* tecnológico beneficiará a indústria nacional como um todo, gerando também milhares de empregos diretos e indiretos. Os submarinos convencionais com propulsão diesel-elétrica e aqueles com propulsão nuclear se complementam. Enquanto os primeiros têm seu uso prioritário mais próximo do continente, os submarinos dotados de propulsão nuclear podem ser empregados em zonas mais afastadas e maiores, em função de sua maior autonomia e velocidade, o que é chamado de mobilidade estratégica. O contexto estratégico brasileiro tem justamente essa diversidade. Enquanto nosso entorno estratégico se prolonga desde o Atlântico Norte até a Antártica, alcançando a África a leste, demandando atenção por parte da Marinha, de nossa costa tiramos a maior parte do petróleo e gás natural, um potencial ainda pouco conhecido, que necessita de proteção.

Há muita curiosidade pelo público em geral sobre a rotina debaixo do mar, em relação à adaptação ao confinamento, divisão e organização do serviço, entre outros. Quais as peculiaridades do trabalho dos submarinistas?

Trabalhando imerso na massa líquida, a entrada de água já representa sua maior ameaça. Mas as próprias camadas térmicas do mar proporcionam zonas de sobra, onde os



Lançamento de elementos de operações especiais por submarino

sonares não conseguem penetrar. O submarino toma proveito disso, mantendo-se oculto, mas acompanhando o que acontece em sua volta. A rotina a bordo, então, exige uma perfeita adaptação a um ambiente fechado, silencioso e de extrema atenção. A rotina de um submarino em muito se assemelha à de um navio de guerra de superfície, mas exige um tempo de resposta muito menor, e longos períodos de isolamento, sem a capacidade de se comunicar.

Em relação a comissões de longa duração, como é essa experiência?

É única, pela oportunidade de amadurecimento profissional e pelo aprimoramento individual e coletivo da tripulação. A ausência da família exige equilíbrio emocional e estrutura familiar sólida, e acaba por gerar um senso de união entre os próprios tripulantes. A Força de Submarinos tem papel muito importante, dando todo o suporte às famílias que são deixadas em terra. É, também, um grande desafio sob a ótica da manutenção, uma vez que a degradação no desempenho dos sistemas ao longo do tempo não pode comprometer a capacidade do submarino. Feita boa preparação, ao final, quem ganha é o próprio submarino, que regressa em estado de aprestamento, normalmente, bem acima daquele inicial.

A função do mergulhador também desperta muito interesse, especialmente por ser associada ao salvamento e operações de altíssimo risco. Como é a preparação e a atuação desses militares? E quais as diferenças entre as especialidades (mergulhadores, MEC e escafandristas)?

O mergulhador é aquele profissional que trabalha debaixo d'água. Se seu suprimento de ar vem da superfície, ele não nada, mas anda no fundo. Esse é o escafandrista. Se ele realiza operações especiais, sendo capaz de atuar como arma, ele é o mergulhador de combate. São atividades distintas, com zonas de interseção, mas são todos submarinistas. Trabalhar dentro d'água exige extremo controle mental. Uma ação mais simples pode, com o frio, com a falta de luminosidade, ou pela mistura gasosa que é respirada, tornar-se algo de grande dificuldade. O tempo de resposta do mergulhador é muito pequeno, o que exige técnica muito refinada.

Na Marinha, os escafandristas e mergulhadores são aqueles que salvam, com coragem e técnica. Existem, fundamentalmente, para realizar o socorro às tripulações dos submarinos, em caso de acidente. Os mergulhadores de combate, os MEC, são uma tropa de elevada audácia, robustez e resiliência, que entregam à Marinha capacidade única, a ser aplicada a partir do mar. Sendo o submarino

o meio mais indicado para penetrar em águas controladas pelo inimigo, o binômio com os MEC está constituído.

A preparação dessas três vertentes do mergulho demanda muito condicionamento físico, porque a fadiga não pode impedir a atuação embaixo d'água, e muita técnica. O controle mental é, talvez, o aspecto mais difícil e, historicamente, é a grande causa de abandono dos cursos, mas é algo que os alunos vão ganhando ao longo da preparação, fruto dos padrões rigorosos exigidos.

Almirante, o senhor poderia comentar sobre os recursos e como é realizado o preparo para missões de salvamento/resgate em eventuais acidentes que envolvam os meios da nossa Força?

A capacidade de socorro às tripulações de submarinos é virtude que dá robustez à capacidade submarina. A Marinha do Brasil (MB) é uma das que possuem recursos próprios, em regime de prontidão, para o socorro de tripulações de submarinos sinistrados. A MB integra o *International Submarine Escape and Rescue Liaison Office* (ISMERLO), uma rede que congrega diversos organismos militares e civis com capacidade de realizar o socorro a submarinos. Como a fase mais demorada é a de localização do submarino, e como num sinistro as condições normalmente não são as normais, o tempo de reação é fa-

tor fundamental. É necessário, portanto, a manutenção de elevado nível de prontidão. Preocupada com o tema do socorro, recentemente, a MB adquiriu o Navio de Socorro Submarino (NSS) "Guillobel", em substituição ao NSS "Felinto Perry".

Entre as diversas áreas de saúde aplicadas à parte operativa da MB, a medicina hiperbárica e a psicologia de submarinos têm especial relação com a atividade dos militares que compõem a Força de Submarinos. O senhor poderia explicar a relevância dessas especialidades?

A saúde física e mental daqueles que executam uma atividade especial, em que o risco está sempre presente, mesmo que calculado, é premissa básica. A compressão do corpo humano produz alterações fisiológicas que demandam técnica apurada para seu retorno às condições normais. Os acidentes de mergulho são tratados por um médico especializado, o hiperbárico. Ele estuda os efeitos da pressão e da absorção de gases que são respirados em substituição ao ar presente na superfície, de forma a poder anulá-los em caso de exposição indesejada a esses fatores. Eles são os médicos mergulhadores e, além de formarem uma equipe de grande competência dentro do serviço de saúde da MB, se juntam a nós, trazendo segurança à operação de submarinos e mergulho.

A psicologia de submarinos chegou à Força de Submarinos recentemente. Os profissionais buscam, conhecendo as atividades, a aplicação do conhecimento, para contribuir para o gerenciamento de risco operacional e para melhorar a performance individual e coletiva. Como os médicos hiperbáricos, os psicólogos dedicados à atividade trazem novas contribuições, multiplicam o potencial de desenvolvimento da Força de Submarinos.

O Comando da Força de Submarinos (ComForS) foi transferido, recentemente, para a Base de Submarinos da Ilha da Madeira, em Itaguaí (RJ). Qual a motivação e os benefícios dessa mudança? Outros componentes da

Força de Submarinos também serão transferidos?

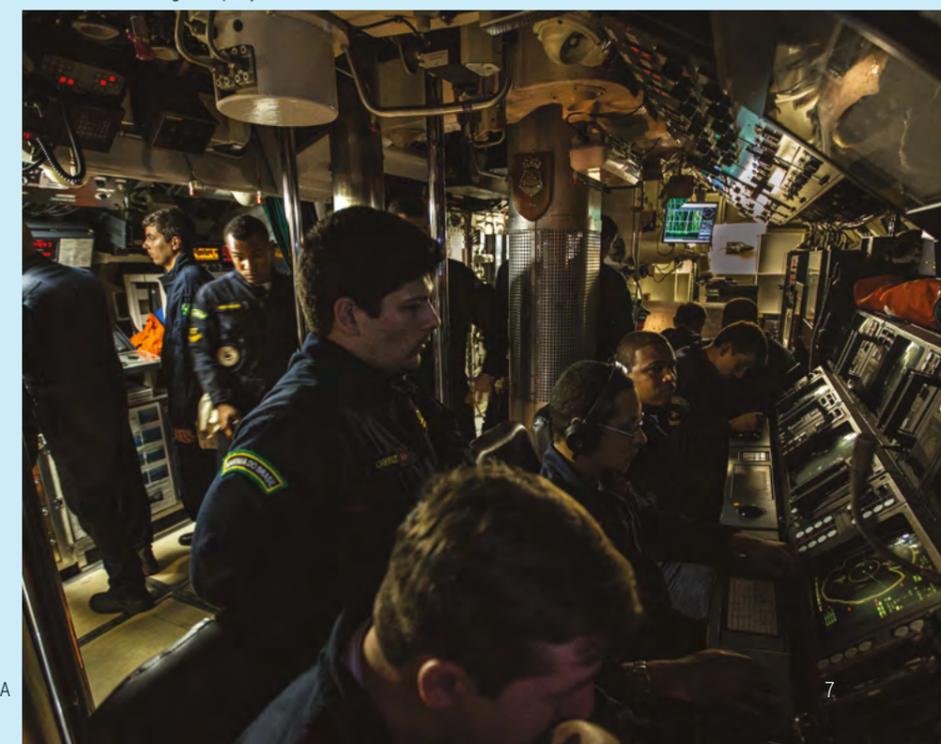
O Comando da Força foi transferido, mas a Força de Submarinos passou a operar desdobrada a partir de duas posições, Mocanguê Grande e Itaguaí. Em Mocanguê, permanecem os mergulhadores; em Itaguaí os submarinos. Trata-se de uma mudança natural, coerente com o estágio atual do PROSUB, uma vez que se aproxima a entrega do primeiro submarino da Classe "Riachuelo", que irá operar a partir do Complexo Naval de Itaguaí. A Base de Submarinos da Ilha da Madeira (BSIM) foi criada para sediar esses submarinos, além daqueles já em operação. A proximidade do Comando da Força de Submarinos com sua nova Base e seus novos meios subordinados permitirá melhor explorar suas capacidades e identificar possíveis aprimoramentos que se façam necessários ao longo da implementação do Programa. Além disso, a transferência do Comando para Itaguaí traz consigo o ethos dos "marinheiros até debaixo d'água", que forjará o clima organizacional da nova estrutura que vem sendo construída para abrigar o maior ativo da defesa nacional, o submarino convencional de propulsão nuclear.

No futuro, serão integralmente transferidos os submarinos que se encontram

em manutenção e modernização no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, bem como o Centro de Instrução e Adestramento Almirante Átilla Monteiro Aché, cujos recursos para o treinamento das tripulações dos Submarinos Classe "Riachuelo" já se encontram disponíveis e em uso no seu Departamento de Treinadores e Simuladores em Itaguaí. As capacidades de apoio aos submarinos da Base Almirante Castro e Silva também serão transferidas para a BSIM, exceto sua infraestrutura industrial, que será substituída pela implementação de um Estaleiro de Manutenção, que disporá de recursos tecnologicamente mais modernos e compatíveis com a tecnologia disponível nos Submarinos Classes "Riachuelo", "Tupi" e "Tikuna".

Finalmente, o Comando da Força de Submarinos deu um passo natural e necessário para o salto tecnológico e doutrinário ora em curso. Afinal, dentro da Marinha, quem receberá as entregas operativas do PROSUB é a Força de Submarinos! Mais uma vez sai da zona de conforto, se aventurando rumo ao inexplorado, mas usando os ensinamentos de quem nos antecedeu, por meio de nossa valiosa história. E isso alegra o submarinista, porque o remete aos pilares de sua personalidade: a audácia, a coragem e a resiliência.

A rotina a bordo exige adaptação a um ambiente fechado e silencioso



Ação na tríplice fronteira da Região Amazônica

Forças Navais do Brasil, da Colômbia e do Peru voltam a se reunir para a Operação “BraColPer 2021”

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Gisleine Assunção

A tríplice fronteira da Região Amazônica voltou a reunir, no mês de julho, a Marinha do Brasil (MB), a Marinha de Guerra do Peru (MGP) e a Armada da República da Colômbia (ARC), visando aprimorar o nível de adestramento e interoperabilidade das unidades navais dos países vizinhos durante a Operação “BraColPer 2021”.

Planejada para acontecer em três fases, a “BraColPer Naval” ocorre há 47 anos e encontra-se na sua 45ª edição, não tendo sido realizada apenas duas vezes nesse período. Anualmente, os navios envolvidos percorrem cerca de 5,4 mil quilômetros, realizando exercícios táticos destina-

dos às áreas de Guerra de Superfície, Comando, Controle e Comunicações, sendo direcionados para o ambiente fluvial, com o objetivo de manter as Forças aprestadas para proteger e salvaguardar as hidrovias contra as ameaças ilícitas regionais, exercer a soberania e fortalecer as condições de segurança na região.

Suspender dos Navios da MB

No dia 9 de julho, os Navios-Patrolha Fluvial (NPaFlu) “Pedro Teixeira” e “Roraima” e o Navio de Assistência Hospitalar (NAsH) “Soares de Mirelles”, subordinados ao Comando da Flotilha do Amazonas (ComFlotAM), e uma aeronave UH-12 do 1º Esquadrão

de Helicópteros de Emprego Geral do Noroeste partiram da Estação Naval do Rio Negro, em Manaus (AM), com destino a Letícia, na Colômbia, a fim de compor o Grupo-Tarefa (GT) “BraColPer 2021” junto ao navio ARC “Letícia”, da Armada da República da Colômbia, aos Navios BAP “Clavero” e “Castilla”, e à aeronave MI-8T, da Marinha de Guerra do Peru.

As fases I e II ocorreram no Rio Marañon (Rio Solimões peruano), entre as cidades de Letícia e Iquitos, no Peru, em períodos que coincidem com as datas das Independências desses países, que acontecem nos dias 20 e 28 de julho, respectivamente. Após o término da fase II, os navios regressaram para suas bases em cada país.

A fase III será realizada nos rios Negro e Solimões, no mês de setembro, por ocasião da Independência do Brasil.

Fase I da “BraColPer Naval 2021”

No dia 20 de julho, na cidade de Letícia, foi realizada cerimônia alusiva aos 211 anos da Independência da Colômbia, com a presença do Comandante do 9º Distrito Naval, Vice-Almirante Ralph Dias da Silveira Costa; do Comandante Geral de Operações da Amazônia da Marinha de Guerra do Peru, Vice-Almirante César Ernesto Colunge Pinto; do Comandante da Força Naval do Sul da Armada da República da Colômbia, Contra-Almirante Harry Ernesto Reyna Niño, além de membros das Forças Auxiliares da Colômbia.

De forma restrita e cumprindo os protocolos para a Covid-19, a Armada da República da Colômbia realizou atividades para celebrar o Dia da Independência: uma missa na Catedral de Letícia, que contou com a participação de um Capelão Naval da Marinha do Brasil; e

Operação “Samaúma”

Navio-Patrolha “Pampeiro” realiza inspeção e patrulha naval no Pará

Por: Segundo-Tenente (RM2-T) Layza Serrão da Silva



“BraColPer” garante interoperabilidade das unidades navais dos países vizinhos

aposição floral diante do busto do Almirante Padilla, herói da Armada colombiana que teve importante participação na Independência do país. Na ocasião, o Comandante da Força Naval do Sul da Armada da República da Colômbia condecorou o Vice-Almirante Ralph Dias e

o Comandante-Geral de Operações da Amazônia da Marinha de Guerra do Peru, Vice-Almirante César Ernesto Colunge Pinto, com a Medalha Militar “Serviços Distinguidos à Armada Nacional”.

Encerrando a programação da Fase I da Operação “BraColPer Naval”, no dia

21 de julho, foi realizado um desfile naval na Tríplice Fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru, com a participação do NPaFlu “Roraima”, do NAsH “Soares de Meirelles”, de uma aeronave UH-12, dos ARC “Leticia” e “Arauca” e dos BAP “Clavero” e “Castilla”.

Navios envolvidos na operação percorrem cerca de 5,4 mil km durante exercícios táticos



NPa “Pampeiro” durante navegação

O Navio-Patrolha (NPa) “Pampeiro” retornou, no dia 5 de agosto, das atividades de inspeção e patrulha naval nas águas do Estado do Pará, em apoio à Operação “Samaúma”, que visa prevenir e reprimir crimes ambientais em unidades federais de conservação ambiental, em terras indígenas e em áreas de propriedade ou sob posse da União. As atividades foram desenvolvidas por meio do Comando Conjunto Norte, composto pelos Comandos do 4º Distrito Naval, Militar do Norte e Aéreo Norte.

O navio saiu de Belém (PA), no dia 14 de julho, com 16 militares. Durante as ações de fiscalização, foram abordadas 72 embarcações em Itaituba (PA), sendo uma notificada por in-

fringir a Lei de Segurança do Tráfego Aquaviário.

O morador da região Antônio Jailson, de 41 anos, reconheceu o emprego das Forças Armadas no combate ao desmatamento. “Antigamente, era rotineiro a visibilidade de empurradores com madeira na região. Atualmente, tem diminuído bastante o número dessas embarcações com esse tipo de carga. Acredito que seja pela presença de militares, que têm contribuído também para a proteção da biodiversidade”.

O Comandante do NPa “Pampeiro”, Capitão-Tenente Bruno Lourenzo Mirão, destacou a importância da interoperabilidade das Forças e de órgãos e agências reguladoras durante a operação. “Quando há sinergia entre as institui-

ções, o resultado é ainda mais expressivo no contexto do reforço da fiscalização das leis e regulamentos. No âmbito da Marinha, as ações de patrulha e de inspeção naval promovem uma elevação no grau de segurança do tráfego aquaviário, bem como permitem a realização, em aproveitamento, de ações preventivas e repressivas contra delitos ambientais”.

A Operação “Samaúma”, de Garantia da Lei e da Ordem ambiental, será encerrada em 31 de agosto, e ocorre nos municípios paraenses de Altamira, Itaituba, Jacareacanga, Novo Progresso, São Félix do Xingu e Trairão. Todas as atividades são realizadas em conjunto com órgãos e agências de proteção ambiental e de segurança pública.

Marinha no pódio

Atletas militares da Marinha do Brasil brilham nos Jogos Olímpicos em Tóquio

Por: Segundo-Sargento (PD) Fábio Rosa Venâncio



Ouçã o *podcast* com o atleta Hebert Conceição

Sargento Hebert Conceição, medalhista de ouro no boxe, durante cerimônia de premiação



O Programa Olímpico da Marinha (Prolim), que visa colaborar para a transformação do Brasil em uma potência olímpica, segue alcançando os seus objetivos. O legado deixado pelos jogos de 2021 representa um marco: a melhor atuação brasileira

em olimpíadas da história e, das 21 medalhas conquistadas pelo País, seis são de militares atletas do Prolim - três de ouro, uma de prata e duas de bronze. O resultado elevou o Brasil à 12ª posição no quadro geral. “Mesmo diante dos desafios e incer-

tezas do período de preparação para as Olimpíadas de Tóquio, em razão da pandemia da Covid-19, em segurança e com perseverança, ultrapassamos obstáculos e seguimos a todo pano, com serenidade e ações firmes, características dos homens e mulhe-

Sargento Ana Marcela Cunha, vencedora da maratona aquática de 10 km no Odaiba Marine Park, em Tóquio





Martine Grael e a Sargento Kahena Kunze conquistam o ouro na classe 49er FX da vela

res do mar, com o firme propósito de acompanhar, apoiar e motivar nossos atletas”, afirma o Contra-Almirante (FN) Elson Luiz de Oliveira Góis, presidente da Comissão de Desportos da Marinha (CDM).

E não foi só o Brasil, como nação, que obteve conquistas inéditas. Os atletas que, antes das disputas dos jogos, precisaram vencer os desafios e as limitações impostas pela pandemia da Covid-19,

também atingiram grandes marcas individuais e colocaram o País no topo das modalidades. É o caso da Terceiro-Sargento Ana Marcela Cunha, primeira brasileira medalista de ouro na maratona aquática. “Essa



Sargento Beatriz Ferreira conquistou a prata na categoria até 60 kg do boxe feminino

“Ninguém consegue ser campeão sozinho, você tem que ter uma estrutura toda para conseguir ter um resultado legal. Então, eu dedico a todo mundo: Marinha do Brasil, minha família e meus patrocinadores”

Sargento Beatriz Ferreira

foi a minha terceira Olimpíada e, claro, estará marcada para sempre, pois foi num momento crítico, de pandemia, e por eu ter conquistado a minha tão sonhada medalha”, conta a tetracampeã mundial, eleita seis vezes a melhor do mundo, que desde 2016 faz parte do Prolim.

A dupla da vela, Terceiro-Sargento Kahena Kunze e Martine Grael (ex-atleta da Marinha do Brasil), que já havia conquistado a medalha de ouro na Rio 2016, precisou se reinventar para alcançar a preparação ideal e disputar os jogos. “Tínhamos que treinar para ficarmos mais fortes, mas era difícil conseguir equipamento”, relata Martine. A Sargento Kahena também contou sobre os desafios enfrentados durante a preparação. “Todo o material bom que a gente tinha estava aqui no Japão desde 2018, então ficamos treinando com o ruim. A gente sabia que não seria fácil e que teríamos que controlar tudo e dar nosso sangue para ter chance de medalha”, relembra. O esforço foi recompensado, e as atletas, após disputa acirrada, conquistaram mais uma vez o lugar mais alto do pódio na regata classe 49er FX.

Determinação e superação foram os dois substantivos que definiram o espírito olímpico dos atletas militares do Prolim. E essa persistência garantiu ao Brasil mais uma medalha de ouro, dessa vez, no boxe. Após uma luta difícil contra o campeão mundial de 2017,

Oleksandr Khyzhniak, da Ucrânia, o Terceiro-Sargento Hebert Conceição, no último *round*, com um soco preciso que derrubou o adversário, venceu a luta por nocaute, algo raro na história do boxe nas Olimpíadas. “Difícil falar a sensação. É incrível. Uma emoção

muito grande. Senti a energia de todo mundo que estava torcendo. Eu pensei durante os *rounds* que tinha muita gente mandando energia por esse nocaute. Eu acreditei que eu podia e que bom que aconteceu, eu fui premiado e a gente merece”, afirmou.

Sargento Alison dos Santos, medalha de bronze nos 400 m com barreiras



A Terceiro-Sargento Beatriz Ferreira, campeã mundial de Boxe AIDA 2019 e dos Jogos Pan-Americanos 2019, conquistou a medalha de prata, sendo a primeira brasileira a chegar em uma final olímpica feminina na modalidade, além de garantir, junto com o Sargento Hebert Conceição e o Sargento Abner Teixeira, do Exército Brasileiro, a melhor campanha olímpica da história do boxe nacional. “Sei da importância dessa medalha, do passo que dei para as gerações seguintes. Não estou satisfeita, pois meu objetivo era ganhar a medalha de ouro, mas estou bem feliz e com a sensação de missão cumprida”, compartilhou a pugilista, que dedicou a conquista ao Programa Olímpico da Marinha. “Ninguém consegue ser campeão sozinho, você tem que ter uma estrutura toda para conseguir ter um resultado legal. Então, eu dedico a todo mundo: Marinha do Brasil, minha família e meus patrocinadores”.

O Terceiro-Sargento Alison dos Santos conquistou medalha de bronze na final olímpica dos 400 metros com barreiras mais rápida da história, completando a distância em 46s72. “Foi uma sensação de dever cumprido e que representei bem a todos que estão comigo”, relatou o atleta que, durante os Jogos Olímpicos, quebrou o recorde sul-americano.

O judô brasileiro também teve um atleta militar da Marinha que foi responsável por manter a tradição de conquistas da modalidade: o Terceiro-Sargento Daniel Cargnin, que faturou o bronze na categoria meio-leve ao vencer sua luta por *waza-ari*. “Agradeço à Marinha, que me apoia desde 2017, a Confederação Brasileira de Judô, o Comitê Olímpico Brasileiro, o Clube Sogipa e minha família e meus amigos, que são os pilares da minha vida. Eu já me sentia campeão vendo todas essas pessoas me apoiarem”, afirmou o judoca que já planeja o novo ciclo olímpico. “Paris é logo ali!”.

PROLIM

O Programa Olímpico da Marinha teve 44 representantes nas mais diversas modalidades esportivas em Tóquio. Para que esses militares atletas pudessem manter o alto desempenho, o Prolim foi fundamental. “É um orgulho ter essa oportunidade de disputar os Jogos Olímpicos e fazer parte da Marinha. Fico mais confiante, com o apoio recebido, para realizar um sonho, que é trazer uma medalha e estar no pódio”, destaca a medalhista Terceiro-Sargento Beatriz Ferreira. Para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, o presidente da Comissão de Desportos da Marinha explica que o programa já começou as avaliações, a fim de definir estratégias para o futuro. “Nossos objetivos continuam, entre eles, alcançar a participação de um maior número de atletas militares de alto rendimento, conquistar mais medalhas e integrar mais modalidades, para ajudar o Time Brasil a atingir uma nova marca histórica no quadro de resultados. Vamos trabalhar muito para isso, interagindo com a nossa sociedade para continuar contribuindo para o Brasil se transformar em uma potência olímpica”.

Sargento Daniel Cargnin comemora a medalha de bronze no judô



Cerimônia em Memória aos Mortos da Marinha em Guerra

Homenagem foi realizada aos heróis que pereceram em defesa da Pátria

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Luiz Guilherme Costa

Em 21 de julho de 1944, a Corveta "Camaquã" era torpedeada e afundava na costa do estado de Pernambuco após ter realizado mais uma bem-sucedida escolta de navios mercantes. A bordo encontravam-se 117 homens, dos quais 33 morreram pelo naufrágio.

A memorável data foi escolhida para homenagear a todos os heroicos marinheiros que perderam suas vidas no mar durante os conflitos em que o Brasil participou. Mantendo a tradição, a Marinha do Brasil (MB) realizou uma cerimônia, dia 21 de julho, no Mausoléu do Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, no Rio de Janeiro (RJ).



Comandante da Marinha durante homenagem com aposição floral

"Uma justa homenagem prestada pelos marinheiros de hoje aos heróis do passado, para que eles jamais sejam esquecidos" foram as palavras escolhidas pelo Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, para reverenciá-los durante a solenidade.

Presente na cerimônia, o Tenente reformado da MB, Melchisedech Afon-

so de Carvalho (93 anos), um dos veteranos vivos da 2ª Guerra Mundial, relembrou a experiência: "Foram tempos difíceis, em que o Brasil foi atacado de surpresa pela mais poderosa potência militar da época, utilizando a ultramoderna arma submarina. Para fazer frente à cruel agressão, a Marinha do Brasil mobilizou-se com as tripulações, arrostando as dificuldades de na-

vegação nos caça-ferro e caça-paus", recordou.

O destaque da homenagem foi a aposição floral ao som do "Canto Fúnebre", de Alberto Nepomuceno, entoado por gaitas de fole, enquanto, simultaneamente, tripulantes do Aviso de Patrulha "Albacora" lançavam pétalas ao mar, em memória e reconhecimento àqueles que se imortalizaram a serviço da Pátria.



Retomada da construção naval

Arsenal de Marinha busca voltar a ocupar o lugar de único estaleiro militar do Brasil com capacidade de construir navios acima de 2 mil toneladas

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Ana Carolina Seabra

O Arsenal possui uma área de 251.087 m² e conta com três diques



A retomada da construção naval no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ), nos dois últimos anos, reforça o investimento no desenvolvimento de novos navios e a busca por tecnologia para a elaboração de sistemas, maquinários e equipamentos que compõem as embarcações. Dessa forma, será possível voltar a ocupar o lugar de único estaleiro militar do Brasil com capacidade de construir navios acima de 2 mil toneladas. A concretização dessa nova fase ocorrerá com a entrega do Navio-Patrolha (NPa) “Maracanã”, que já possui 70% das suas obras concluídas, e do

Navio-Patrolha “Mangaratiba”, previsto para 2024.

Desde 2017, a Marinha investe na construção desses dois navios do tipo patrulha da Classe “Macaé”. Esses meios serão empregados em ações de apoio à patrulha naval e na fiscalização do mar territorial, da Zona Contígua e da Zona Econômica Exclusiva pertencentes ao Brasil. O NPa “Maracanã” está na terceira fase da construção, recebendo os últimos reparos estruturais, fixação dos motores de propulsão e de combustão auxiliar, instalação de equipamentos e sistemas de propulsão. Já o NPa “Mangaratiba” encontra-se em fase de construção do bloco de popa. A prontificação estrutural foi concluída em maio e a edificação no casco está prevista para novembro deste ano.

Durante toda a sua história, o AMRJ já construiu fragatas, corvetas, navios de assistência hospitalar, navio-escola, módulos para plataforma, navios-patrulha, lanchas-patrulha, chata para transporte de óleo combustível, chata de carga para a Estação Antártica Comandante Ferraz, embarcações de desembarque de viaturas e materiais e submarinos.

Ao longo desses 258 anos de história, muitos navios foram construídos e mantidos nos diques da zona portuária carioca, o que permitiu a troca de conhecimento entre profissionais militares e civis, promovendo adaptações às novas necessidades técnicas, operacionais, de navegação, tudo para acompanhar o crescimento do poder marítimo e manter a salvaguarda e a soberania no Brasil. Dentro desse contexto, o Diretor do Arsenal, Contra-Almirante (EN) José Luiz Rangel da Silva, reforça a importância de manter os militares e os servidores civis qualificados para essa nova fase. “Nesses mais de dois séculos e meio de história, o Arsenal absorveu as mais diversas tecnologias empregadas na construção de inúmeros meios navais e, hoje, vem aprimorando sua capacitação, a gestão de mão de obra terceirizada e a realização de obras de infraestrutur

Características dos Navios-Patrulha “Maracanã” e “Mangaratiba”

Comprimento total de **58,9 m**

Calado máximo de **2,5 m**

9 metros de boca (largura máxima)

Deslocamento leve **500 toneladas** (aproximadamente)

Armamento **metralhadoras .50**

Radar de busca de superfície

tura necessárias para o atendimento das demandas. Ao assumir a construção dos Navios-Patrulha “Maracanã” e “Mangaratiba”, o Arsenal de Marinha reafirma a retomada da construção naval em suas instalações”, garante.

Hoje, o Arsenal possui uma área de 251.087 metros quadrados e conta com três diques para recepção de navios e submarinos, bem como oficinas de soldagem e montagem das estruturas das embarcações. O AMRJ tem investido na modernização de equipamentos voltados à fabricação de peças. A aquisição de máquinas de corte automatizado de chapas de aço permite celeridade e eficiência no processo. Existem também máquinas de usinagem operadas por Controle Numérico Computadorizado, que realizam a usinagem automática de peças.

Com a retomada da construção naval, o Arsenal revitalizou o Setor de controle da qualidade, modernizando os laboratórios de análise, inspeções e testes. Além disso, os novos laboratórios permitem a realização

A Construção Naval nos últimos séculos



Almir Gomes, supervisor da construção naval, trabalha no Arsenal há 36 anos

Uma história escrita por pessoas

Além dessas modernizações, o AMRJ tem aumentado sua gama de contratações, que possibilita a troca de conhecimento com empresas especializadas na área de reparos e construção naval. Um dos resultados do investimento em seu pessoal é o reconhecimento dos seus funcionários. Almir Gomes Escobar, supervisor da construção naval, trabalha no Arsenal há 36 anos e diz que "a cada dia, a gente vai se modernizando junto com a Marinha em prol do melhor desempenho da nossa Armada. Hoje, o AMRJ está com os projetos do 'Maracanã' e do 'Mangaratiba' e isso vai nos fortalecer como técnicos para o trabalho no Arsenal. Com isso, a Marinha do Brasil ganha com relação à construção naval", acredita. Já Jane Xavier, agente de serviço e engenharia do AMRJ, fala do seu trabalho e da emoção que é ver o resultado de cada etapa. "Como técnica de estrutura naval, eu sou responsável por fazer vários segmentos de serviços: docagem, reparo, construção de navios, de botes, de escaleres, de lanchas. Então, quando a gente doca um navio, realiza-se todo um planejamento e quando vemos aquele gigante no dique seco, é muito gratificante. Daí eu penso que faço parte da construção do meu País", conclui.

da contagem de partículas em óleos lubrificantes e hidráulicos; medir a dureza e caracterizar materiais metálicos, identificando defeitos internos em soldas; e possibilita fazer análise de composição química, microestrutural e metalográfica de ligas metálicas, contribuindo para a manutenção preditiva dos navios. Esses são alguns dos investimentos realizados pela Marinha na construção naval. Dessa forma, é possível capacitar a mão de obra interna e economizar recursos financeiros, pois o que era feito em laboratórios externos agora passa a ser efetuado nas instalações da Marinha, havendo redução no tempo de espera dos resul-

tados e mais eficácia na prevenção e manutenção de danos.

Para a operação diária do maquinário e da infraestrutura, o AMRJ conta também com serviços de estaleiro necessários às instalações, como: pessoal de manobra de peso, operadores de guindaste, montagem de andaimes, pintores etc. Seguindo o planejamento de retomada do Arsenal, foram instaladas novas casas de bombas dos diques, gruas com comando remoto e iluminação mais econômica. Por meio de Parceria Público Privada (PPP) com a Concessionária Light, mais de 9 mil lâmpadas foram substituídas por modelo tipo LED.

INVESTINDO EM CAPACITAÇÃO DESDE 1763

Investir em capacitação de pessoal, pesquisa e conhecimento são práticas que o AMRJ realiza desde 1763, quando foi instalado no sopé do Mosteiro de São Bento (RJ). Na época, a intenção era construir e reparar os navios da Marinha de Portugal. Visando manter o nível de qualidade técnica de seus profissionais, a Marinha construiu a Escola Técnica do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, que funciona desde 1923. A escola é responsável pela qualificação profissional integrada da estrutura básica do Arsenal e possui laboratórios de eletricidade, práticas em estruturas navais, hidráulica e pneumática, eletrônica, informática, de refrigeração e de produção mecânica.

Operação "Formosa 2021"

Adestramento do Corpo de Fuzileiros Navais reúne 2,5 mil militares das três Forças Armadas

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Ana Carolina Freitas de Oliveira

Com o propósito de assegurar o preparo do Corpo de Fuzileiros Navais como força estratégica, de pronto emprego e de caráter anfíbio e expedicionário, a Marinha realiza, anualmente, a Operação "Formosa". Em 2021, de forma inédita, o exercício contou com a participação das três Forças Armadas, passando a fazer parte do calendário operativo do Ministério da Defesa.

O Campo de Instrução de Formosa (CIF), em Goiás, pertencente ao Exército Brasileiro (EB), com uma área de 180 quilômetros quadrados, foi o palco do adestramento, que ocorreu de 2 a 18 de agosto. Reuniu 2,5 mil militares, além de meios de combate e de apoio e re-

presentou uma oportunidade para que fossem empregados todos os meios de fuzileiros navais.

O Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier dos Santos, afirmou que a Operação "Formosa" foi uma oportunidade para a prestação de contas das Forças Armadas à sociedade. "A gente muitas vezes faz operações no mar, operações em locais remotos, e a sociedade não nos vê. Dessa vez, por diversas razões, principalmente pelo apoio que o Presidente da República e o Ministro da Defesa têm dado, nós tivemos a visibilidade necessária pela sociedade, foi possível mostrar que as Forças Armadas brasileiras

se empenham ao máximo para estarem preparadas para enfrentar qualquer situação que possa se apresentar em defesa da nação, para a proteção dos brasileiros", disse.

O que faz a Operação "Formosa" ser tão importante, de acordo com o Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE), Vice-Almirante (FN) Carlos Chagas Vianna Braga, é o fato dela assegurar as capacidades do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN). "O exercício vem crescendo ano a ano, e permite que a gente atire com todas as armas que constam no inventário da FFE e também com o apoio da nossa Aviação Naval, aproveitando todo o potencial do campo", disse.

O Soldado (FN) Marcos Felipe Fernandes Ferreira, ingressou no CFN em 2017 e pela primeira vez participou da operação. "É a manobra mais completa do Corpo, usa todos os meios, é uma experiência única, e vai ficar gravada para sempre em minha mente. Ver de perto a operação só dá mais motivação para continuar. Quero participar da próxima já como cabo e operador de Carro Lagarta Anfíbio", afirmou.

Do Rio ao Planalto Central

Foram 27 dias para que 15 grupos de marchas, que envolveram 2,5 mil militares, partissem, em comboio, do Rio de Janeiro (RJ) para Formosa. O deslocamento consistiu na primeira fase da operação, que buscou aprimorar a habilidade expedicionária do CFN. Ao

tudo, foram transportados 160 meios principais (entre viaturas, obuseiros, blindados, etc), materiais de apoio e logística, que somaram 1,5 mil toneladas. Ao chegarem em Brasília (DF), no dia 10 de agosto, houve um desfile de parte das viaturas na Esplanada dos Ministérios. Na ocasião, foi entregue, pelos militares, um convite ao Presidente da República, Jair Bolsonaro, no Palácio do Planalto, para a demonstração operativa do exercício e foi realizada uma exposição aberta ao público de parte das viaturas operativas, em frente ao Prédio do Comando da Marinha.

Etapa conjunta

O exercício conjunto, intitulado de "Adestramento Conjunto Específico

de Empregos de Armas Combinadas" foi dividido em três partes: apoio de fogo, coordenação do espaço aéreo e operações especiais. De acordo com o Ministro da Defesa, Walter Souza Braga Netto, a interoperabilidade deve ser incentivada. "Parabéns às Forças pela realização do exercício. Nós precisamos cada vez mais nos adestrar nesse uso conjunto", disse.

O Tenente-Coronel do EB, Pedro Henrique Luz Gabriel, também destaca a relevância da iniciativa. "Acredito que as operações conjuntas precisam ser cada vez mais treinadas", disse. No adestramento, o Exército atuou no centro de operações táticas, com parte de planejamento e coordenação de fogos, ao lado da Marinha, para fazer a assun-



ção da área após a conquista da cabeça de praia, e no centro de coordenação de apoio de fogo. Paraquedistas do EB também participaram da Força Conjunta de Operações Especiais.

Para o Tenente-Coronel Aviador Rodrigo Lordello de Santana, da Força Aérea Brasileira, a operação conjunta aumenta a sinergia no combate. “O emprego de fogos de artilharia superfície-superfície, em conjunto com fogos de apoio aéreo ar-superfície, maximiza o poder de combate, que tem que ser bem treinado e bem coordenado”.

Bastidores

Para que a operação aconteça, é necessário que os militares, que, em sua maioria, estão a mais de 1.300 quilômetros de casa, encontrem boas instalações para a permanência no campo. Para tanto, a Base de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador (BFNIG) montou a Base Expedicionária de Fuzileiros Na-

vais em Formosa. De grande complexidade logística, exigiu o esforço de 230 militares durante sete dias, o que permitiu a condução do treinamento.

O Imediato da BFNIG, Capitão de Fragata (FN) Rodrigo Ramos Ferreira, contou sobre os desafios enfrentados para montar a estrutura do local. “O processo mental que antecedeu foi muito pesado e envolveu praticamente toda a oficialidade da base. Buscamos estar próximos do nível de excelência, desde as refeições servidas até as instalações. Montamos academia, barbearia e alojamentos. É possível viver aqui por um longo período de tempo, da mesma forma que fizemos na nossa missão no Haiti”, disse.

Demonstração operativa

Na terceira fase da operação, foi realizada a demonstração de manobra tática, com a presença do Presidente da República, Jair Bolsonaro; de mi-



Comandante da Marinha e Presidente da República durante demonstração operativa

Operação é realizada anualmente desde 1988



Fases da operação

1ª FASE	Verificação da prontidão da Força de Emprego Rápido
2ª FASE	Deslocamento motorizado para Formosa
3ª FASE	Tema tático (operação anfíbia) Operação conjunta – Apoio de fogo (unidades de artilharia) Coordenação do espaço aéreo (unidades de aviação) Operações especiais (unidades de operações especiais)
4ª FASE	Retorno de militares e meios ao Rio de Janeiro



MEIOS ENVOLVIDOS	
04	Carros Lagarta Anfíbios
04	Viaturas Piranha
07	Astros
04	Viaturas blindadas M113
08	Light gun 105
38	Viaturas ATEGO
08	Viaturas pesadas UNIMOG
09	Cavalos mecânicos (carretas que transportam blindados)
09	Viaturas semi-reboque
70	Viaturas pesadas
37	Viaturas leves
07	Aeronaves

Momento do disparo com obuseiro



nistros de Estado, dos Comandantes das três Forças Armadas, autoridades civis e militares. Na ocasião, foi simulado um ataque coordenado durante uma operação anfíbia, com a utilização de munição real e explosivos. O Presidente Bolsonaro e o Ministro Ciro Nogueira foram convidados a atirar por meio de um obuseiro.

Um dos destaques foi o lançamento de uma equipe de paraquedistas militares a partir da aeronave C-105 Amazonas, da Força Aérea Brasileira, a 10 mil pés de altitude.

Ao final da operação, o Presidente Bolsonaro cumprimentou a tropa. "A certeza de que o destino do Brasil está em boas mãos é o adestramento das Forças. Sabemos do sacrifício, da dedicação e da abnegação de cada um. Mas, para nós, é tudo pela Pátria!", disse.



De pai para filho

A "Formosa 2021" foi especial para o Suboficial (FN) Paulo Alexandre de Araújo Vieira, do Comando do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais. Ele teve a oportunidade de passar o Dia dos Pais em campo, ao lado do filho, o Cabo (FN) de Infantaria Alexandre Vieira, que também participou do exercício. "É motivo de muito orgulho, para mim e para a minha família, ver meu filho ascendendo na carreira e estar aqui, pela segunda vez, ao lado dele", disse. Para o Cabo Vieira, foi natural seguir os passos do pai. "Ele sempre foi o meu herói e eu sempre quis ser igual a ele. Quando chegou o tempo de fazer a prova, eu optei pela carreira de Fuzileiro Naval. Este ano, na 'Formosa', foi a primeira vez que operamos juntos de fato e foi muito gratificante", contou.

Combate à pesca ilegal

Marinha investe no enfrentamento à prática

Por: Capitão de Mar e Guerra (RM1-T) Ana Cláudia de Paula

A pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INDNR ou IUU, iniciais em inglês de *illegal, unreported and unregulated*) na Amazônia Azul é uma das preocupações da Marinha, que tem investido no combate a essa prática. A Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM), em parceria com a Secretaria de Aquicultura e Pesca (SAP), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realizou, no primeiro semestre deste ano, o Seminário Nacional de Combate à Pesca Ilegal, Não Declarada e Não Regulamentada na Amazônia Azul, na modalidade *online*, no canal da Escola Nacional de Gestão Agropecuária. O propósito foi reunir os prin-

cipais atores brasileiros envolvidos no combate à pesca INDNR, para discutir os esforços governamentais na redução e inibição dessa prática no mar brasileiro.

O Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), Contra-Almirante Antonio Cesar da Rocha Martins, destacou a importância de fortalecer a capacidade brasileira para combater ameaças à biodiversidade e aos recursos pesqueiros brasileiros. "A pesca INDNR é uma questão complexa, que envolve vários atores e aspectos relacionados, como arranjos institucionais, marco legal, monitoramento, controle, fiscalização, formação de recursos humanos (in-

cluindo pescadores) e estatísticas que possam balizar políticas públicas que visem a esse combate", avaliou.

O evento foi dividido em dois painéis. O primeiro focou no histórico e marcos legal e conceitual, além de apresentar o esforço da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e das parcerias internacionais para combater essa prática. A luta contra a pesca INDNR foi considerada uma questão de segurança ambiental, econômica, alimentar e de defesa; e foi relacionada a crimes ambientais, de evasão de divisas, pirataria, tráfico de pessoas, armas e drogas. No segundo painel, foram apresentadas ações e iniciativas da

O sistema informatizado de registro de atividade pesqueira contribuirá para o combate à pesca INDNR



Fiscalização conjunta em barcos pesqueiros no estado de Santa Catarina

Marinha do Brasil, da SAP e do Ibama que visam coibir a ilegalidade. Foram apresentados os acordos e declarações internacionais que fornecem a base para o enfrentamento à prática e dos quais o Brasil é signatário. Também foi ressaltado que, para coibir a pesca INDNR, é fundamental conhecer o recurso pesqueiro, a dinâmica e as embarcações envolvidas.

O Comandante do Centro Integrado de Segurança Marítima (CISMAR), Capitão de Mar e Guerra João Batista Barbosa, ressaltou que a extensão da Amazônia Azul e da área de socorro e de salvamento sob responsabilidade do Brasil são cobertas pelo Sistema de Informações sobre o Tráfego Marítimo, que congrega dados de diferentes fontes e possui ferramentas capazes de realizar análise de risco e inteligência marítima. Ele destacou, ainda, a relevância de ser realizado o acompanhamento do movimento da frota estrangeira no entorno da Zona Econômica Exclusiva brasileira e apontou o Sistema de Gerenciamen-

to da Amazônia Azul (SisGAAz) como ferramenta essencial para implementar a vigilância ativa na região. Ele reforçou que o mar não tem fronteiras e que respostas de combate à pesca ilegal devem ser transnacionais, por meio de parceria entre Marinhas, atuação entre agências e aumento da troca de informações.

Por sua vez, o Comandante do Grupo de Patrulha Naval do Norte, Capitão de Mar e Guerra Alessandro Felipe Imamura Carneiro, apresentou aspectos relacionados à patrulha naval e sobre apresamentos de embarcações praticando pesca INDNR, realizados no litoral do Amapá. Ele ressaltou que o êxito dessas apreensões foi obtido graças ao trabalho sinérgico entre organizações militares e civis, nacionais e estrangeiras. "Para ampliar ações de combate à pesca INDNR, há a necessidade do esforço continuado interagências; do intercâmbio de informações entre diferentes órgãos; e da implementação do SisGAAz", defendeu.

O Secretário de Aquicultura e Pesca, Jorge Seif Júnior, destacou o novo Sistema Informatizado de Registro da Atividade Pesqueira (SisRGP 4.0). "Essa ferramenta, a ser implementada neste ano, contribuirá para o combate à pesca INDNR ao mesmo tempo que trará dignidade ao pescador, ao aperfeiçoar o combate a fraudes e assegurar o acesso a direitos, como o seguro-desemprego do pescador profissional, conhecido como seguro defeso", informou.

O Secretário da CIRM ressaltou, ainda, a importância da cooperação interinstitucional; do levantamento, avaliação e monitoramento dos estoques pesqueiros; e do estabelecimento de uma Organização Regional de Ordenamento Pesqueiro no Atlântico sudoeste. Também informou que a proposta de adesão do Brasil ao Acordo sobre Medidas do Estado de Porto foi encaminhada ao Congresso Nacional, e aguarda a constituição de uma comissão especial para avaliá-la e submetê-la ao plenário da Casa Legislativa.

ONU avalia tropas da Marinha

A Visita de Avaliação e Assessoramento pode elevar o nível do Grupamento Operativo para Operações de Paz

Por: Vice-Almirante (FN) Carlos Chagas Vianna Braga e Capitão de Fragata (T) Ana Cristina Requeijo

Avaliar as capacidades de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav) como Força de Reação Rápida (em inglês *Quick Reaction Force* – QRF) de uma Força de Paz foi o objetivo da Organização das Nações Unidas (ONU) ao realizar, em 19 e 20 de julho, a Visita de Avaliação e Assessoramento (AAV, sigla em inglês), na Marinha do Brasil, no Complexo Naval da Ilha do Governador (CNIG), no Rio de Janeiro (RJ).

No dia 19, a visita foi acompanhada pelo Ministro da Defesa, Walter Souza Braga Netto, e pelo Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra

Almir Garnier Santos, acompanhados do Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, General de Exército Laerte de Souza Santos, e outros oficiais-generais.

Ao falar à tropa formada, o Comandante da Marinha ressaltou as capacidades do Corpo de Fuzileiros Navais, destacando o profissionalismo, o entusiasmo e o comprometimento dos militares, expressando a certeza na competência do GptOpFuzNav em manter a segurança e assegurar a paz, em países marcados por conflitos. Na ocasião, o Ministro da Defesa cumpriu os inspetores da ONU, falou

sobre a prontidão e o profissionalismo dos Fuzileiros Navais, destacando que a sua presença, e a de membros de seu Ministério, demonstra a vontade política do governo, que dá grande importância à certificação das Nações Unidas e à participação nas Operações de Paz.

Ao término da visita, a comitiva da ONU já manifestou seu parecer favorável à elevação do GptOpFuzNav-QRF ao Nível 2, do Sistema de Prontidão de Operações de Paz das Nações Unidas (sigla em inglês UNPCRS - *United Nations Peacekeeping Capabilities Readiness System*).

Ministro da Defesa, acompanhado do Comandante da Marinha, passa em revista à tropa



Exposição da Marinha no AquaRio reabre para visitantes

Com o avanço da vacinação e a criação de protocolos rígidos de higienização, espaço voltou a receber o público do aquário

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Ana Carolina Freitas de Oliveira

A Exposição Permanente da Marinha no AquaRio, no Rio de Janeiro (RJ), foi reaberta ao público. O estande montado no maior aquário marinho da América Latina oferece atividades interativas que divulgam o trabalho e as pesquisas realizadas pela Força. A mostra fica localizada no terceiro andar do AquaRio e conta com uma exposição permanente sobre a "Amazônia Azul", com jogos e apresentação de vídeos. O estande

ocupa uma área de 17 metros quadrados.

O Diretor-Presidente do AquaRio, Marcelo Szpilman, acredita que o espaço dedicado à Marinha agrega muito valor ao aquário. "O estande é um dos mais procurados e acredito que seja uma forma excelente para divulgar a mentalidade marítima e o amplo leque de atividades realizadas pela Força", disse. Em média, o AquaRio recebe 1 milhão de visitantes anualmente,

movimento que, apesar da queda registrada na pandemia, está voltando ao normal, de acordo com Szpilman.

Priscila Coubeck levou a filha Lívia, de cinco anos, para o conhecer a exposição. "O espaço interativo desperta a curiosidade das crianças e há informações aqui que muitas pessoas desconhecem. Acredito que trazer os nossos filhos acrescenta muito ao conhecimento deles".

O espaço interativo desperta a curiosidade das crianças

SERVIÇO

O AquaRio está aberto todos os dias para visitação, de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h (com entrada no circuito até as 16h). Aos finais de semana e feriados, das 9h às 18h (com entrada no circuito até as 17h). Ingressos a partir de R\$ 70. O uso correto da máscara é obrigatório.

Informações:
www.aquariomarinhodorio.com.br





Navio-Patrolha “Grajaú” realiza operações aéreas com aeronave H-36 “Caracal” da FAB

O Navio-Patrolha “Grajaú”, subordinado ao Comando do Grupamento de Patrulha Naval do Nordeste, realizou, nos dias 2 e 3 de agosto, no litoral do Rio Grande do Norte, operações aéreas com a Aeronave H-36 “Caracal”, do Primeiro Esquadrão do Oitavo Grupo de Aviação (Esquadrão Falcão), da Força Aérea Brasileira (FAB). Foram realizados adestramentos que simularam uma evacuação médica aerotransportada por meio de içamento, pelo guincho da aeronave, a partir do convés do navio. As ações contaram com a participação da Equipe de Manobra e Crache do navio e de militares das equipes do Esquadrão “Falcão”.



Marinha, Polícia Federal, Receita Federal e Guarda Portuária apreendem mais de 300 quilos de cocaína

O Comando do 8º Distrito Naval, por meio do Comando do Grupamento de Patrulha Naval do Sul-Sudeste, realizou ação em apoio à Polícia Federal, à Receita Federal (RF) e à Guarda Portuária, culminando com apreensão de 11 bolsas contendo cocaína que estavam escondidas em um navio mercante atracado no Porto de Santos (SP), no dia 20 de agosto. Inicialmente, foram encontrados 174,47 kg da droga em seis sacolas no interior do navio. Com o auxílio dos mergulhadores da Marinha, foram localizadas mais cinco bolsas, fixadas externamente ao casco, abaixo da linha d’água, contendo 154,48 kg da droga.



Operação Interagências fiscaliza crimes ambientais e transfronteiriços na Bahia e em Sergipe

Marinha, Ibama, Polícia Federal, Receita Federal e Companhia Docas do Estado da Bahia realizaram, de 12 a 15 de julho, a Operação Interagências “Bahia I”, parte integrante da Operação “Ágata”. O objetivo foi reforçar a presença do Estado com a fiscalização da limpeza de porões e do descarte irregular de água de lastro pelos navios; das marinas da região metropolitana de Salvador; da área de segurança das plataformas de petróleo; e a ação repressiva contra crimes transfronteiriços. Foram monitoradas 53 embarcações, entre navios e plataformas de petróleo, em uma área de 30 mil quilômetros quadrados.



Cem mil pessoas são vacinadas com apoio de militares no Norte e Nordeste

O Comando Conjunto Norte (CCjN), formado pelo Comando do 4º Distrito Naval, Comando Militar do Norte e Comando Aéreo Norte, alcançou, em 20 de julho, a marca de cem mil doses de vacinas aplicadas contra a Covid-19 no Pará, Amapá e Maranhão. Desde o início da execução do Plano Nacional de Imunização do Governo Federal, o CCjN presta apoio logístico e de pessoal para acelerar a imunização. O apoio à vacinação segue o contexto da Operação “Covid-19”, do Ministério da Defesa, que coordena as atividades das Forças Armadas no combate ao novo coronavírus, em apoio a órgãos e agências de saúde municipais, estaduais e federais.

Militares da Agência Fluvial de Itacoatiara apreendem embarcações com madeira ilegal

A Equipe de inspeção naval da Agência Fluvial de Itacoatiara, subordinada à Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental, realizou, em 22 de julho, a apreensão de um comboio (empurrador e balsa) com 900 metros cúbicos de madeira que estava em desacordo com a Lei de Segurança do Tráfego Aquaviário, no Paraná do Maraca, Rio Madeira (AM). Ao constatar que o empurrador não possuía documentação, a Marinha acionou a Secretaria de Meio Ambiente do município. A embarcação não apresentava autorização para o transporte de madeira e, apesar de o Documento de Origem Florestal estar correto, algumas madeiras não foram enquadradas na categoria especificada. A carga também foi apreendida.



Após 26 anos, Fragata “Greenhalgh” deixa o serviço ativo da Marinha

Após 26 anos em operação, a Fragata “Greenhalgh” deixou o serviço ativo da Marinha do Brasil (MB), no dia 10 de agosto, em Cerimônia de Mostra de Desarmamento na Base Naval do Rio de Janeiro, presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante de Esquadra Marcos Silva Rodrigues. Incorporada à MB em 1995, a Fragata “Greenhalgh” é o quarto navio da Esquadra a ostentar esse nome, em alusão ao Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, personagem que ganhou notoriedade na Batalha Naval do Riachuelo. Em quase 26 anos de serviço ativo, a “Greenhalgh” fez 1.234 dias de mar, navegando 247.119 milhas náuticas.



Marinha e Polícia Federal realizam operação na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa

A Marinha, por intermédio do Navio-Patrolha (NP) “Bocaina”, realizou, com agentes da Polícia Federal, ações de patrulha naval no litoral do Amapá, região do Oiapoque (AP), e na área fronteiriça entre Brasil e Guiana Francesa, de 2 a 11 de julho. O propósito da operação foi combater atividades ilícitas como o tráfico de drogas, contrabando de mercadorias e a pesca ilegal, além de contribuir para ação de presença, dissuasão, segurança da navegação e salvaguarda da vida humana no mar.



Marinha ativa nova organização militar em Belém (PA)

A Marinha ativou, no dia 4 de agosto, o Grupo de Embarcações de Operações Ribeirinhas do Norte (GrEOPRibN), uma nova organização militar em Belém (PA), para contribuir na aplicação do Poder Naval na área de jurisdição do Comando do 4º Distrito Naval. O GrEOPRibN terá entre suas principais tarefas o preparo e o emprego de embarcações em operações ribeirinhas, patrulha naval e inspeção naval, por meio de suas Lanchas de Operações Ribeirinhas Blindadas e Lanchas de Ação Rápida. O emprego conjunto dos meios do GrEOPRibN com tropas de fuzileiros navais e navios subordinados ao Comando do Grupamento de Patrulha Naval do Norte ampliará a proteção dos meios navais envolvidos em operações ribeirinhas.



A Companhia das Índias Ocidentais holandesa no Nordeste brasileiro

Por: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

A ocupação holandesa da região que hoje compreendemos como Nordeste brasileiro está fundamentalmente relacionada ao processo de independência das Províncias Unidas dos Países Baixos em relação à Coroa espanhola, no quadro da Guerra dos Oitenta Anos (1568 e 1648), e da União Ibérica (1580 a 1640). Foi resultante da ascensão de Felipe II da Espanha ao trono português após a morte do Cardeal D. Henrique, que faleceu sem deixar sucessores. Esse cenário antagonizou holandeses e espanhóis não apenas na Europa, mas em todo o império ultramarino luso-espanhol, comprometendo as relações comerciais há muito estabelecidas entre portugueses e holandeses, fundamentadas na co-

mercialização dos produtos coloniais no mercado europeu, em especial o açúcar do Brasil.

Nesse contexto, foram criadas a Companhia das Índias Orientais (1602) e a Companhia das Índias Ocidentais (1621) com o intuito de levar a guerra aos domínios ultramarinos luso-espanhóis e ampliar as atividades comerciais holandesas, especialmente no que concerne ao comércio de escravos, ouro e açúcar. Convertendo o Brasil em um de seus principais alvos, a ação holandesa teve início com uma fracassada invasão à Bahia, em 1624. Contudo, seis anos depois, uma grande esquadra, sob o comando do General do Mar Hendrik Corneliszoon Lonck, submeteu as

idades de Recife e Olinda, iniciando um longo período de domínio holandês sobre a mais próspera região açucareira do Brasil.

No quadro das tentativas luso-espanholas de retomar o domínio do Nordeste, ganharam evidência nos livros de História os combates terrestres entre tropas coloniais portuguesas e os experimentados soldados da Companhia das Índias Ocidentais, principalmente as duas batalhas dos Guararapes (1648 e 1649). Porém, o Poder Naval luso-espanhol exerceu papel fundamental no continuado combate à ocupação holandesa do Nordeste açucareiro, destacando-se dois grandes embates navais nas costas do Brasil. O primeiro, conhecido como “Batalha de Abrolhos”,

Quadro “Batalla Naval de Pernambuco o de los Abrojos” (vista I), de Juan de la Corte, 1632, Museu Naval de Madrid



Créditos: Acervo DPHDM



Quadro “Batalla Naval de Pernambuco o de los Abrojos” (vista II), de Juan de la Corte, 1632, Museu Naval de Madrid

remonta à organização de uma esquadra luso-espanhola, em 1631, sob o comando espanhol Dom Antônio de Oquendo, cujo objetivo era desembarcar reforços para as defesas da Bahia e o incremento da resistência em Pernambuco logo no início da ocupação holandesa no Nordeste. Ciente do intento luso-espanhol, a Companhia das Índias Ocidentais organizou uma esquadra de reforço aos seus domínios no Brasil. Sob o comando do Almirante Adrien Jancszoon Pater, essa esquadra chegou a Pernambuco em abril de 1631, aproximadamente três meses antes da chegada dos navios de Dom Antônio de Oquendo à Bahia. Ao tomar conhecimento da esquadra luso-espanhola, mesmo sem informações precisas sobre seu tamanho e poder de fogo, Pater decidiu interceptá-la quando deixasse Salvador. Reunindo 16 galeões e outros navios menores, Pater suspendeu de Recife ao encontro de Oquendo, que havia suspendido de Salvador com seus 17 galeões em 3 de setembro, alcançando-os na altura do Arquipélago de Abrolhos, no dia 12 do mesmo mês.

Na batalha, perderam as vidas os Almirantes Adrien Jancszoon Pater e Francisco Vallecilla, sendo este o segundo no comando da esquadra luso-espanhola. Dois navios holandeses foram perdidos –

Prins Willem, capitânia de Pater, e Provincie Utrecht – além de contarem, aproximadamente, 350 mortos. Oquendo perdeu os navios San Antonio e Nossa Senhora dos Prazeres, afundados, e o San Buenaventura, capturado, além de cerca de 345 mortos e outros 240 feitos prisioneiros. Apesar da aparente derrota da esquadra luso-espanhola, Dom Antônio de Oquendo atingiu o seu objetivo e desembarcou os reforços em Pernambuco, além de garantir a segurança de uma substancial carga de açúcar, comboiando os navios de transporte para a Europa. Contudo, não foi capaz de impedir que a Companhia das Índias Ocidentais mantivesse o controle das ações naquela altura da costa do Brasil, mantendo a continuada capacidade de abastecer suas tropas, o que redundou na ampliação de seus domínios no Nordeste.

O segundo desses embates se deu no ano de 1640, no quadro dos combates entre navios da Companhia das Índias Ocidentais e uma grande força naval luso-espanhola, que partira de Portugal sob o comando de Dom Fernando de Mascarenhas, o Conde da Torre, ainda em 1639. Enquanto navegava ao longo do litoral, entre Pernambuco e Rio Grande do Norte, atacando pontos sob domínio holandês e buscando

local para desembarcar suas tropas, a esquadra do Conde da Torre enfrentou os navios de Maurício de Nassau, entre os dias 13 e 17 de janeiro, no que ficou para a História como a “Batalha Naval de 1640”. Mesmo em inferioridade numérica, as forças de Nassau conseguiram manter o parcial controle marítimo naquelas águas, impedindo o desembarque da totalidade das tropas ibéricas transportadas pela esquadra do Conde da Torre.

Ainda que os esforços luso-espanhóis nessas batalhas navais não tenham alterado a condição de dominância holandesa sobre a principal região açucareira do Brasil, elas representaram a busca constante da Coroa espanhola em restaurar o controle sobre o Nordeste ocupado. O fim da união das Coroas ibéricas (1640) e o processo de reconhecimento da independência dos Países Baixos pela Coroa de Espanha foram determinantes para o declínio das atividades da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil e o conseqüente término da dominação holandesa com a eclosão da Insurreição Pernambucana (1645-1654), marco definitivo do que ficaria conhecido como o “Brasil Holandês”.

Um derramamento de óleo e os desafios para a proteção da Amazônia Azul



Por: Fernanda C. Pirillo Inojosa*

Em 2019, o Brasil foi atingido por um crime ambiental sem precedentes – mais de 5 mil toneladas de resíduos oleosos foram retiradas de nossas praias, no combate à poluição que atingiu 1.009 localidades no litoral brasileiro, afetando todos os Estados entre o Rio de Janeiro e o Maranhão.

Os primeiros fragmentos chegaram à costa na Paraíba em 30 de agosto de 2019, e, em seguida, começaram a surgir pelotas de óleo de forma esparsa em Pernambuco, Sergipe e demais Estados. Até esse momento, não se sabia que os fragmentos teriam a mesma origem ou que continuariam se espalhando pelo litoral.

Poucos dias antes, aconteceu um acidente em uma refinaria de Pernambuco e, assim, o Ibama supôs que os fragmentos teriam vindo dessa instalação. Após vistorias, essa hipótese foi descartada. Poucos dias depois, também desconsiderou-se a origem como sendo de plataformas marítimas de petróleo, por não haver nenhum incidente recente que justificasse o aparecimento do óleo.

Ao longo dos dias, o volume de resíduos que chegava às praias foi se intensificando, o que culminou, em outubro de 2019, com o primeiro acionamento do “Plano Nacional de Contingência para Incidentes de Po-

lução por Óleo em Águas sob Jurisdição Nacional” (PNC). De acordo com a legislação brasileira, um derramamento de óleo deve obrigatoriamente ser comunicado ao Ibama, à Marinha do Brasil e à Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). Além disso, cabe ao responsável pelo dano providenciar a sua reparação, conforme o princípio chamado “poluidor-pagador”, que foi estabelecido pela Política Nacional de Meio Ambiente.

O princípio do “poluidor-pagador” norteia a relação entre os órgãos ambientais e os potenciais poluidores: para realizar uma atividade que tem impactos ou riscos ao meio ambiente, o empreendedor deve obter uma autorização ou licença ambiental antes de iniciar sua operação. O Ibama as emite somente quando o empreendedor comprova que é capaz de gerenciar seus riscos e de responder aos acidentes originados em sua propriedade/instalação.

No caso das atividades de produção e exploração marítima de petróleo, o responsável deve apresentar ao Ibama um Plano de Emergência Individual (PEI), no qual constam todas as ações para combater um eventual derramamento de óleo, recursos e estrutura de resposta, dentre outros.

Anualmente, o Ibama acompanha exercícios simulados das empresas de petróleo, nos quais são testadas capacidades diversas como: fluxo de comunicação, tempo de mobilização de equipamentos, efetividade das estratégias de resposta, etc.

Para incidentes relevantes de derramamento de óleo, o PNC estabelece que cabe ao Governo Federal, em linhas gerais, avaliar as ações desenvolvidas pelo poluidor e facilitar a resposta aos grandes incidentes. Uma facilitação seria, por exemplo, a liberação ágil de materiais vindos do exterior ou a autorização excepcional para uso de dispersantes químicos no mar. Os derramamentos “sem dono”, por sua vez, não são incomuns. Anualmente, o Ibama registra uma dezena de pequenos vazamentos de óleo que não são devidamente comunicados. São incidentes pequenos, em que o óleo se degrada naturalmente ou cuja solução é dada pelos órgãos locais.

A situação que se desenvolveu em 2019, contudo, foi considerada inédita no mundo pois, além de não ter o poluidor identificado, envolveu um grande volume de óleo, que ressurgiu de forma errática em diversos pontos da costa. Como consequência, todas as ações, que deveriam ter sido executadas pelo poluidor, tiveram de ser



Militar da Marinha sobrevoa o litoral baiano

desenvolvidas pelo poder público, em um esforço inédito de coordenação e cooperação. Nesse ponto, a importância da gestão conjunta entre o Ibama, a Marinha, a ANP e a Defesa Civil, além de outros parceiros, foi certamente uma das principais lições aprendidas no primeiro acionamento do PNC.

Fernanda Pirillo no Centro de Comando e Controle do Grupo de Acompanhamento e Avaliação



Outra questão que veio à tona refere-se à necessidade de ampliar o monitoramento sobre a nossa Amazônia Azul, pois a pergunta é inevitável: como podemos depender do próprio poluidor para termos conhecimento de um derramamento de óleo nas nossas águas? Tudo indica que os registros de derramamentos de óleo no País são subestimados, pois muitos poluidores devem optar pelo risco da não identificação, em vez da certeza das sanções por causar poluição no mar. A Amazônia Azul brasileira tem área equivalente à da Floresta Amazônica (e daí possivelmente a alusão ao nome), portanto a vigilância de uma área tão extensa é um desafio por si só. No caso específico de 2019, localizar a mancha de óleo na água ou prever o seu comportamento foram ações ainda mais difíceis pois, diferentemente do que normalmente ocorre, o óleo estava se deslocando abaixo da superfície da água. Como consequência, a mancha era invisível a todas as tecnologias de detecção remotas de óleo no mar,

como satélites e sensores especializados, o que tornava impossível qualquer ação para conter o óleo antes que chegasse à costa. Sendo assim, a principal estratégia para combater o vazamento foi limpar o óleo rapidamente, assim que tocasse o litoral. Foi montada uma operação de guerra para recolher o óleo, envolvendo voluntários, instituições públicas e privadas, civis e militares. A Marinha direcionou a Operação “Amazônia Azul - Mar Limpo é Vida” para atender o PNC, com emprego maciço de pessoal e meios no combate ao óleo.

A Operação “Mar Limpo é Vida”, cabe dizer, é um ótimo exemplo de ação conjunta para proteção do meio ambiente, agora focada no combate ao lixo no mar, outro grande problema ambiental no mundo. A experiência de gestão vivenciada em 2019 certamente contribuiu para o aperfeiçoamento dos órgãos públicos e para estreitar a parceria já existente entre as instituições, mas o desafio da proteção ambiental ainda é imenso, como as nossas duas Amazônias.

* Coordenadora-Geral de Emergências Ambientais do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama)

ISSO é MARINHA



ACOMPANHE A SÉRIE NO
NOSSO CANAL OFICIAL



www.youtube.com/marinhaoficial



**MARINHA
DO BRASIL**

Mais de dois anos debaixo d'água

Suboficial Luiz Oliveira

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Edwaldo Costa



Imagine passar 1.390 dias em alto mar. Imagine, agora, 21 mil horas de imersão, o equivalente a dois anos e meio embaixo d'água. Essa é a história do Suboficial Luiz Oliveira. Ao longo dos 30 anos de serviços prestados, o militar ainda contabiliza 2.200 dias de instrutoria em diversos cursos para submarinistas.

Ao ingressar na Marinha, em 1991, o então aprendiz de marinheiro Luiz Oliveira, com apenas 19 anos, desconhecia os desafios que viriam pela frente. Declarado marinheiro no mesmo ano, embarcou no Submarino "Bahia". "Ali já me apaixonei pela especialidade de operador de sonar e pela subespecialidade submarinista. Como o Submarino 'Bahia' era da Classe 'Guppy' e servi nele, então, eu gosto de ser intitulado de 'guppyano'. São poucos os militares da ativa que serviram nele", conta Luiz Oliveira.

O jovem apaixonado pela carreira também serviu nos submarinos "Tamoio", "Tapajó" e "Timbira". "Ser 'marinheiro até debaixo d'água' é provar, por absoluto, profundo conhecimento profissional, técnica apurada, boa higidez e moral elevada. A adaptabilidade a condições de desconforto de qualquer natureza, um acurado espírito cooperativo e camaradagem são habilidades desenvolvidas que terminam por nos fazer um

tanto destemidos na presença do risco", explica.

Engajado em diversas comissões, em 1997, participou da Operação "Linked Seas", da OTAN, entre a costa portuguesa e o Estreito de Gibraltar. Em 4 de julho de 1999, partiu do Rio de Janeiro (RJ) com destino à Base Naval de Roosevelt Roads, em Porto Rico, e Port Canaveral, nos EUA, iniciando, assim, sua participação nas Operações "Keypart" e "Endurance 99". Nessas comissões foram realizados exercícios submarino x submarino com o USS Hampton - SSN 767, em três dias ininterruptos de operações com aeronaves A/S P3C Orion no Atlântico Norte e Caribe. Essa foi a primeira oportunidade em que um submarino brasileiro ficou sob o controle operacional do Comando da Força de Submarinos do Atlântico (da US Navy). Em 30 de outubro de 1999, após 119 dias de comissão, mais de 80 dias de mar e 1.495 horas de imersão, Luiz Oliveira retornou ao Rio de Janeiro.

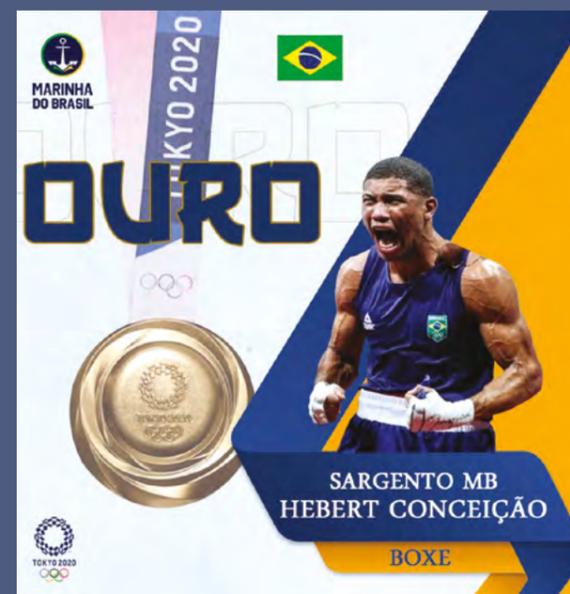
"Eu, que tenho cerca de dois anos e meio mergulhado, estou convicto que evoluímos muito, principalmente, devido à construção de novos submarinos convencionais com propulsão nuclear. Certamente, vamos melhorar ainda mais a permanente prontidão da Força de Submarinos, para bem cumprir a sua missão em res-

“ Ser 'marinheiro até debaixo d'água' é provar, por absoluto, profundo conhecimento profissional, técnica apurada, boa higidez e moral elevada. ”

paldar os interesses do Brasil e proteger a Amazônia Azul", afirma.

Atualmente, servindo no Comando da Força de Submarinos, não mede esforços para continuar colaborando com a Marinha na implantação e nos testes dos novos submarinos.

"Considero que de uma forma singela, mas que somada aos meus pares, consegui contribuir para elevar o grau de adestramento e prontidão da Força de Submarinos. Faço parte dessa história, iniciada em 1914 pelo precursor Almirante Felinto Perry. *Usque ad sub aquam nauta sun* – 'sou marinheiro até de baixo d'água", finaliza.



Instagram: O post mais curtido foi a foto sobre a conquista do Sargento Hebert Conceição nas Olimpíadas de Tóquio 2020. A publicação teve 100.888 curtidas e 61 impressões.

Facebook: O post mais curtido foi a primeira publicação da série de posts em comemoração ao Dia do Submarinista. Foram 6,5 mil curtidas e 1,2 mil compartilhamentos.



YouTube: O clipe mais curtido foi a homenagem ao Dia dos Pais. Foram 14.263 visualizações e 114 comentários.



Twitter: O tweet mais curtido foi a publicação sobre a conquista do Sargento Daniel Cargin, do Programa Olímpico da Marinha, nas Olimpíadas de Tóquio 2020. A publicação teve 1.559 curtidas e 212 retweets.



CONHEÇA O FLICKR DA MARINHA



